

A perspectiva de gênero e raça nos Livros de História (PNLD 2019-2022)

Ana Vitória Batista da Silva ¹ 
Universidade Estadual do Ceará

Maria Christina Silveira Araujo Lima ² 
Universidade Estadual do Ceará

Isaíde Bandeira da Silva ³ 
Universidade Estadual do Ceará

Resumo: Essa pesquisa teve como objetivo analisar a representação da mulher, principalmente a negra, sob a perspectiva decolonial nas coleções didáticas Ápis História e Liga Mundo História, aprovadas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2019-2022). Assim, foram investigadas as atividades, imagens e seções presentes nos 5 volumes dessas duas coleções de livros didáticos de história destinados ao Ensino Fundamental Anos Iniciais. Cabe salientar que foram utilizados como principais teóricos Beauvoir (1980), Matos (2010), Quijano (2000) e Choppin (2004). Também foram utilizados documentos que norteiam a educação básica no Brasil, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). Por fim, essa pesquisa tem como objeto de investigação paradigmas que submetem a mulher aos parâmetros eurocêntricos por meio dos livros de História, que resultam na sua sub-representatividade.

Palavras-chave: Representação; Gênero; Raça; Livro didático de História.

The gender and race perspective in History textbooks (PNLD 2019-2022)

Abstract: *The aim of this research was to analyze the representation of women, especially black women, from a decolonial perspective in the Ápis História and Liga Mundo História textbook collections approved by the National Textbook Program (PNLD 2019-2022). We investigated the activities, images and sections present in the five volumes of these two history textbook collections for elementary school. It should be noted that the main theorists used were Beauvoir (1980), Matos (2010), Quijano (2000) and Choppin (2004). We also used documents that guide basic education in Brazil, such as the National Common Core Curriculum (BNCC, 2018). Finally, this research*

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará e bolsista de Iniciação Científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.  ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6900-7799>, e-mail: anavitoria.batista@aluno.uece.br

² Graduanda em Fisioterapia pela Faculdade Integrada do Ceará, graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará e bolsista de Iniciação Científica UECE.  ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4138-4453>, e-mail: maria.christina@aluno.uece.br

³ Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, Professora do Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em História e Letras e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte.  ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4292-6245>, e-mail: isaide.bandeira@uece.br

investigates paradigms that subject women to Eurocentric parameters through history textbooks, resulting in their under-representation.

Keywords: Representation; Gender; Race; History textbook.

La perspectiva de género y raza en los manuales de historia (PNLD 2019-2022)

Resumen: El objetivo de esta investigación fue analizar la representación de las mujeres, especialmente de las mujeres negras, desde una perspectiva decolonial en las colecciones de libros de texto *Ápis História* y *Liga Mundo História* aprobadas por el Programa Nacional de Libros de Texto (PNLD 2019-2022). Se investigaron las actividades, imágenes y secciones presentes en los cinco volúmenes de estas dos colecciones de libros de texto de historia para la escuela primaria. Los principales teóricos utilizados fueron Beauvoir (1980), Matos (2010), Quijano (2000) y Choppin (2004). También se utilizaron documentos que orientan la educación básica en Brasil, como el Currículo Nacional Básico Común (BNCC, 2018). Por último, esta investigación investiga los paradigmas que someten a las mujeres a parámetros eurocéntricos a través de los libros de texto de historia, lo que resulta en su subrepresentación.

Palabras-clave: Representación; Género; Raza; Libro de texto de historia.

1 INTRODUÇÃO

A representatividade feminina nos livros didáticos de História contém fundamental importância para a formação da identidade das crianças. Isso porque a própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) estabelece que a criança ao ingressar no Ensino Fundamental Anos Iniciais, deve ter o entendimento de quem é ela, o outro e o coletivo.

Visando que a história do Brasil, ao ser iniciada no Ensino Fundamental, contenha o viés voltado para o olhar eurocêntrico, foi constatada a necessidade de verificar se essa perspectiva ainda está presente nos livros didáticos de história, a partir das questões relacionadas à submissão da mulher, principalmente a negra. Sendo assim, problemáticas desta magnitude, que enfatizam a desigualdade gerada pela hegemonia masculina, devem ser superadas diante a unidade da luta das mulheres na sociedade (BERTH, 2019).

Além disso, Nascimento (2019) afirma que a escola é uma instituição social que deve estar preparada para atender a todos a quem ela recorre. Portanto, a escola tem um papel importante de adotar livros que contenham a diversidade e pluralismo que a sociedade apresenta. Por consequência, ela não irá contribuir somente para a formação cognitiva do indivíduo, mas contribuirá também com o desenvolvimento da consciência de classe no combate à desigualdade social e étnica.

A problemática central relacionada a essa pesquisa está vinculada à representação da figura feminina, principalmente a negra, nos livros didáticos de História aprovados pelo PNLD 2019-2022, em uma perspectiva decolonial. Assim, respondendo às seguintes indagações: Como a mulher é representada nos conteúdos de História nas coleções didáticas aprovadas na última edição do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2019-2022)? A perspectiva decolonial tem espaço na abordagem da imagem feminina na literatura didática adotada nas escolas via política pública federal como PNLD? Se afirmativo, como? Quais e de que forma a representação feminina se revela nos textos, imagens, seções e atividades dos livros didáticos?

Essa pesquisa se constitui a partir da análise empírica dos livros didáticos de história do Ensino Fundamental, Anos Iniciais, das coleções Ápis História (2017) e Liga Mundo História (2017). Foram investigados 5 volumes dessas 2 coleções, ou seja, livros do 1º ao 5º

ano, assim como também seus respectivos manuais do professor. Além disso, os teóricos estudados para embasar essa pesquisa foram: Beauvoir (1980), Matos (2010), Quijano (2000), Walsh (2013), Choppin (2004), Silva (2014). Tais teóricos dialogam sobre temáticas que referenciam mulheres, raça, representatividade decolonial e livro didático.

O objetivo do trabalho é analisar como a mulher, em específico a mulher negra, é representada nas páginas de duas coleções de livros didáticos de história aprovados no último Guia do Programa Nacional do Livro para os anos iniciais do Ensino Fundamental (PNLD 2019-2022). Com isso, as coleções selecionadas foram: Ápis História (Editora Ática) e Liga Mundo História (Editora Saraiva). Nesta perspectiva, destacar como a mulher é abordada nos textos base, iconografias, seções e atividades das coleções didáticas e identificar se há ou não a presença do olhar decolonial com relação aos papéis que configuram a mulher nas páginas desta literatura escolar.

A relevância desta pesquisa está na importância de oportunizar a representatividade feminina e racial nos livros didáticos dos Anos Iniciais, levando em consideração sua influência na formação e identificação individual dos estudantes. Pois, segundo Chartier (1991), construir a noção de representação como instrumento essencial da análise cultural é investir em uma pertinência operatória, um dos conceitos centrais utilizados na sociedade.

2 METODOLOGIA

Foi utilizado como suporte teórico uma pesquisa bibliográfica, a fim de estabelecer relações entre os elementos que constituem a problemática da representação da mulher e da decolonialidade. Portanto, foram recorridos autores que dialogam com as seguintes temáticas: representação, mulher, livro didático, raça e decolonialidade.

Também foram realizadas pesquisas documentais, com análise específica de documentos legais brasileiros, que norteiam a educação nacional, sendo eles: o último Edital do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD, 2019-2022), as Diretrizes Curriculares da Educação Básica, o último Guia de Livros Didático do Ensino Fundamental do PNLD (2019) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esse repertório foi selecionado para

que houvesse melhor compreensão das diretrizes relacionadas à questão de gênero e raça na legislação.

A fonte direta para busca de dados específicos foram duas coleções didáticas das Séries Iniciais. Vale ressaltar que cada coleção contém 5 livros didáticos destinados aos estudantes (uma para cada ano escolar, ou seja, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental) e 5 volumes de Manual do Professor, totalizando, como corpus da pesquisa, 20 livros didáticos de história.

A ideia principal foi desenvolver uma proposta de reconhecimento dos papéis das mulheres na história e a representação da mulher negra, levando a percebê-las como seres fundamentais na construção social. Nisso, visando também que os livros didáticos podem contribuir, de forma significativa, para que essa proposta possa florescer e trazer mudanças, ainda que a passos curtos, para a vida de diversas mulheres, a partir da educação escolar das crianças.

Em cada livro didático de história foi analisado como a representação da mulher, em especial a negra, permeia os textos base, as iconografias, as atividades propostas e a historiografia. Ademais, essas análises foram feitas a partir do Manual do Professor e do livro do aluno de cada coleção escolhida.

Importante destacar os critérios aplicados na contagem de mulheres e homens presentes nas imagens, fotografias, pinturas históricas e desenhos de cada livro analisado. Sendo assim, não foram contabilizadas as imagens de fotografias que aparecem multidões, devido a impossibilidade de identificar um número exato de pessoas. Já ao contabilizar as mulheres negras, foram retiradas da contabilidade imagens em preto e branco e personagens que apareciam de costas e coberto por muitas vestes, pela impossibilidade de identificar a coloração.

Para sistematização dos dados foram produzidos tabelas e gráficos com as contabilizações de informações agrupadas por categorias. Por fim, a posse desses dados traz a reflexão analítica que identifica a perspectiva decolonial presente na abordagem da questão de gênero e raça.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Brasil, ao ser colonizado por portugueses, traz em sua cultura diversas tradições eurocêntricas que superestimaram a presença masculina. Nesse contexto, Pimenta (2021) argumenta que o propósito de toda educação é manter o masculino como sujeito superior, tirando da mulher sua condição de sujeito livre, fazendo ela não se perceber como uma alteridade. Assim, sendo a educação uma construção, que coloca como *ball* o contexto histórico e sociocultural, considerando-a mutável, é responsável por todo o aprendizado que a mulher tem sobre como ela deve ser, agir e pensar, com passividade imposta.

Os livros didáticos, como instrumento que proporciona informação aos estudantes de diversas escolas públicas, são divididos em diversas partes, como seções, atividades, iconografias e literaturas. Nisso, eles são devidamente avaliados, para que não quebre os princípios legislativos da diversidade brasileira. Segundo Silva (2012), O PNLD avalia e aprova os livros didáticos que estão de acordo com as legislações vigentes e que trazem conceitos importantes e coerentes, nas áreas históricas e pedagógicas, por isso é responsabilidade do Ministério da Educação (MEC) ficar atento para que a verba pública advinda de muitos impostos não seja destinada a obras duvidosas e cheias de erros históricos, anacronismos e discriminações. Observando isso, os livros didáticos de história analisados contêm as seguintes divisões:

Gráfico geral

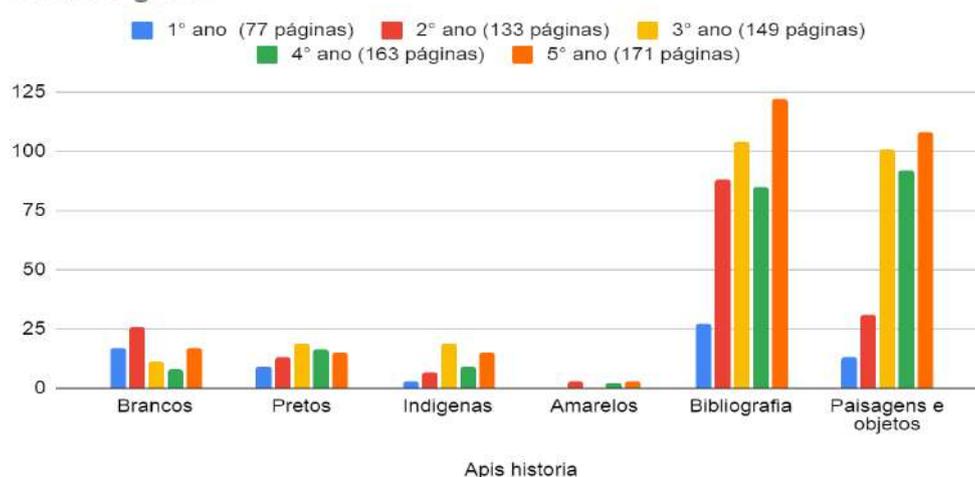


Gráfico 1 – Ápis História
Fonte: Ápis História

Gráfico geral

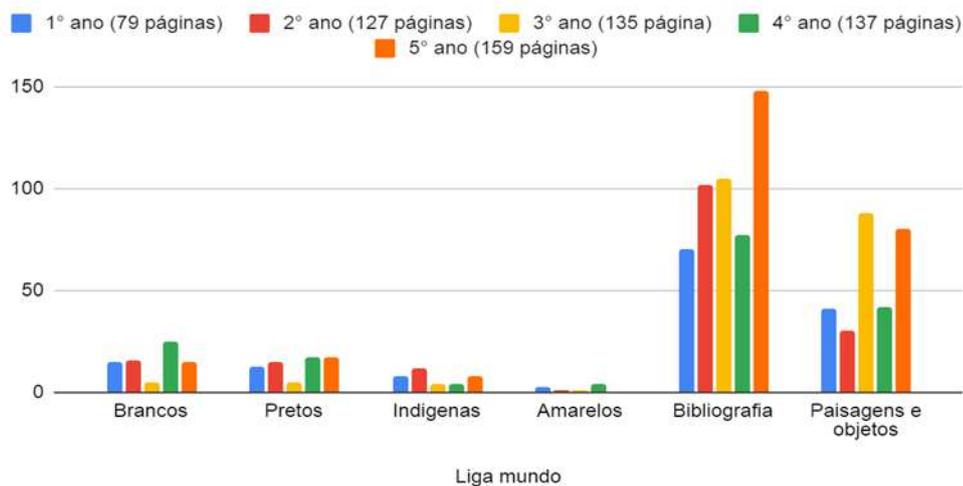


Gráfico 2 – Liga mundo História
Fonte: Liga mundo

Dessa forma, a primeira percepção que se tem dos livros de história analisados, é que eles possuem diversificadas imagens de paisagens e objetos, que fazem os estudantes identificarem que em seu dia a dia estão formulando história a partir do ambiente. As bibliografias, também estão em abundância, possibilitando tanto o professor como o discente o contato com literaturas que contextualizam a história e a arte como condições historiográficas. Contudo, quando o livro aborda imagens que relacionam o ser humano no meio em que vive, é encontrado a predominância numerosa de pessoas brancas, com um número menor de pessoas negras, seguida de um número inferior das comunidades indígenas e estrangeiras.

Levando o olhar primeiramente para a representatividade feminina em geral, ao analisar essas coleções foi possível observar que a quantidade de homens é muito superior à quantidade de mulheres representadas nas fotografias e desenhos. Portanto, para uma melhor compreensão, foram criadas tabelas e gráficos para cada coleção, que ilustram esse cenário.

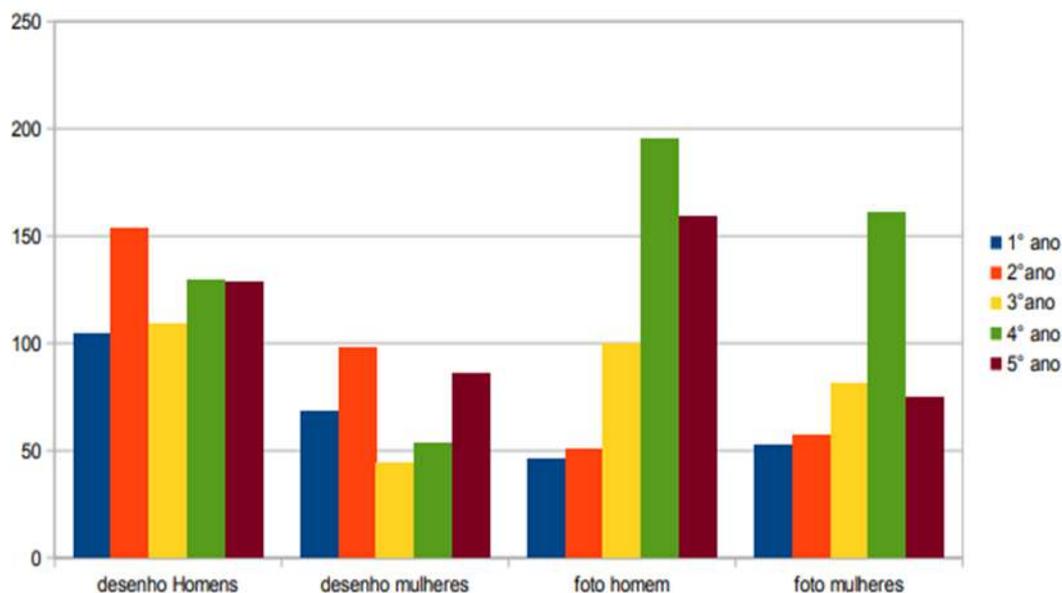


Gráfico 3 - Imagem de mulheres - Após História
Fonte: Após história (2019)

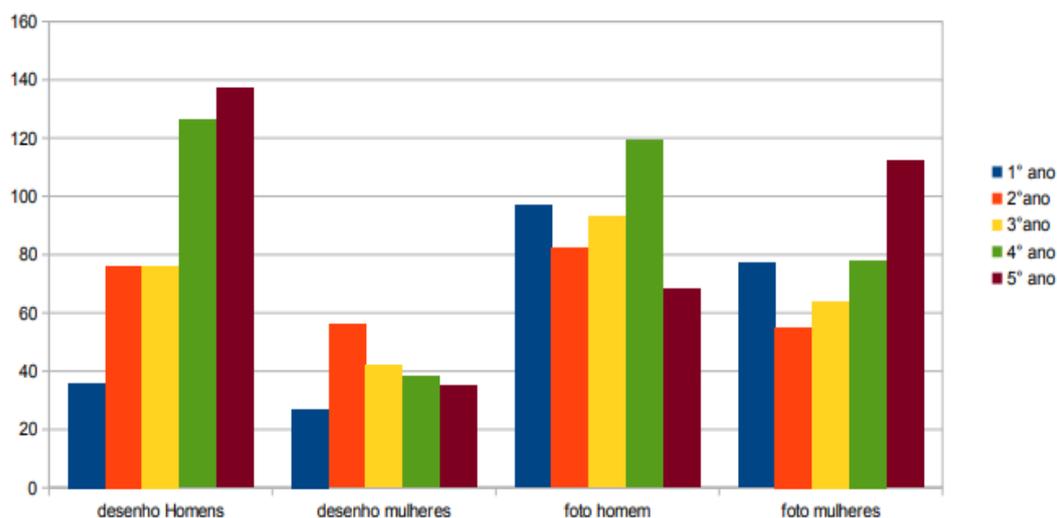


Gráfico 4 - Imagem de mulheres - Liga Mundo História
Fonte: Liga Mundo História (2019)

Com a observação de que em ambas as coleções analisadas, as mulheres não possuem destaque em comparação aos homens, foram selecionadas algumas imagens que exemplificam a limitação com que as mulheres aparecem nesses livros. Nas imagens abaixo,

é possível ver que elas são mais representadas em ambientes familiares e culturais. Isso não significa necessariamente que esses livros não retratam as mulheres como profissionais autônomas, mas sim que, na maioria das vezes, são destacadas como sujeitos passivos na formulação da história.



Figura 1 - Famílias

Fonte: Ápis história 1º ano (p. 29)



Imagem 2 - Cultura

Fonte: Liga Mundo História 4º ano (p. 110)

Outro ponto também analisado, além das imagens, foi em relação às representações de trabalhos nas referências bibliográficas de cada coleção. Primeiramente, na coleção Ápis, foi observado que a quantidade de autoras mulheres se sobressaem em relação aos autores homens apenas nos livros do primeiro e terceiro ano do Ensino Fundamental, já nas demais séries as referências são compostas em sua maioria por autores homens. Posteriormente, no gráfico de referências bibliográficas da coleção Liga Mundo, é possível observar que em todos os anos do Ensino Fundamental há maior quantidade de autores homens em comparação às autoras mulheres. Tais informações podem ser vistas nos gráficos de referências bibliográficas a seguir:

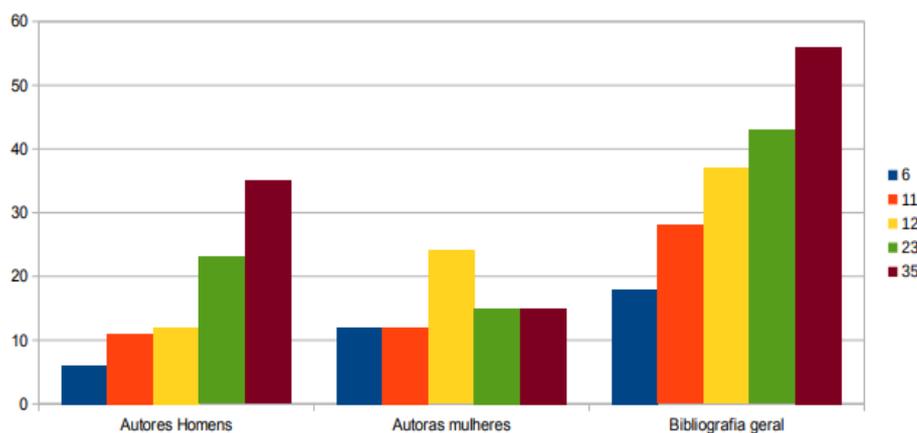


Gráfico 5 - Referências bibliográficas Mulheres
Fonte: Ápis história (2019)

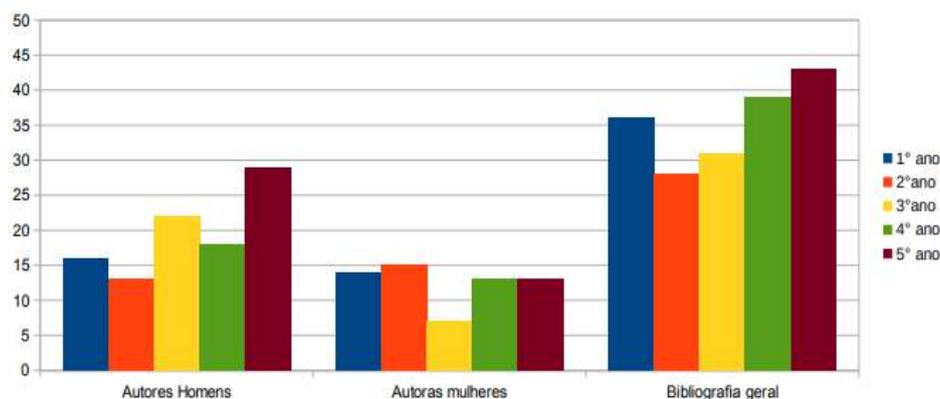


Gráfico 6 - Referências bibliográficas Mulheres
Fonte: Liga Mundo História

Nessa análise, é possível identificar algo já mencionado por Rago (2017), que as mulheres foram incluídas recentemente no campo da historiografia e, com isso, aos poucos os livros de história estão mostrando a presença das mulheres em fatos históricos, graças as pressões do movimento feminista na década de 1970, junto com a maciça entrada das mulheres no mercado de trabalho e na vida acadêmica.

Agora, partindo para uma tabela de personalidades históricas citadas nos livros, é possível verificar uma enorme discrepância entre a quantidade de homens e mulheres. Portanto, foi visto na coleção *Ápis História*, a menção de 24 personagens masculinos e apenas 10 personagens femininos. Já na coleção *Liga Mundo História*, são referenciados 49 personagens homens em contraste com apenas 22 personagens mulheres, conforme está representado a seguir:

Personagens históricos citados	Coleção Ápis	Coleção Liga Mundo
Homens	24	49
Mulheres	10	22

Quadro 1 - Personagens Históricas
Fonte: *Ápis História* e *Liga Mundo História* (2019)

A representação da mulher como ser histórico é reduzida em ambas as coleções. Nisso, Oliveira (2019), ressalta que as representações são encontradas na mente dos indivíduos e no mundo. Por causa disso, é importante apresentar a Teoria das Representações Sociais, com seus conceitos e características, em objetos do cotidiano escolares, como os livros didáticos.

Chartier (1991) é outro que também atesta que a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado, ou uma apresentação pública da presença de uma pessoa ou objeto. Dessa maneira, como observado nesta pesquisa, fica evidente que há grande sub-representatividade das mulheres nos livros

didáticos de história do Ensino Fundamental, o que ajuda a identificar a perspectiva colonizadora na educação.

Agora, ao focar especificamente na representatividade da mulher negra, que permeia os livros didáticos de história das duas coleções, é possível verificar a sub-representação comparado ao homem branco, homem preto e a mulher branca. Nisso, Berth (2019) vai dizer sobre a existência de uma pirâmide racial, onde a mulher preta se encontra em subposição nas lutas de gênero e raça, pois somente a mulher branca é representada em lutas feministas, enquanto somente o homem preto é representado nas lutas raciais. Tais argumentações também podem ser verificadas com os gráficos a seguir:

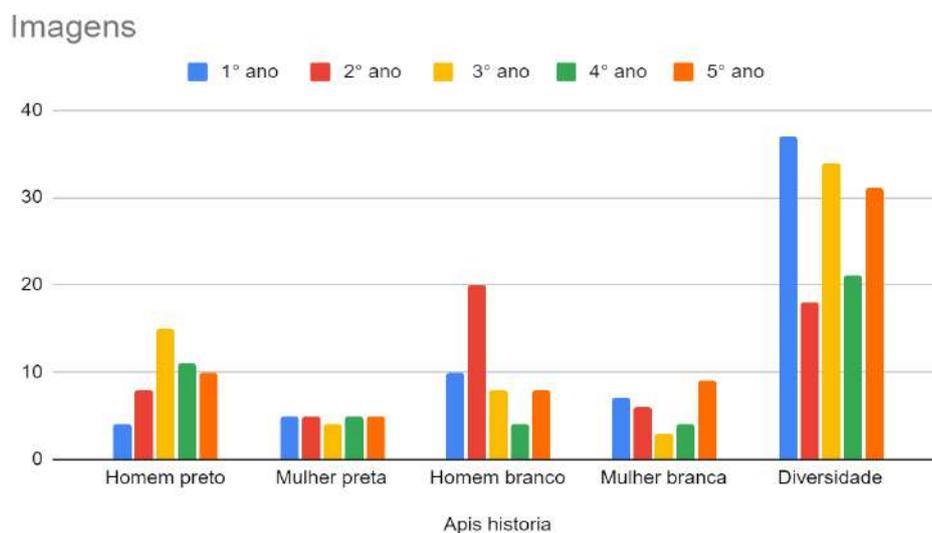


Gráfico 7 - Imagens de mulheres negras
Fonte: Ápis História

Imagens

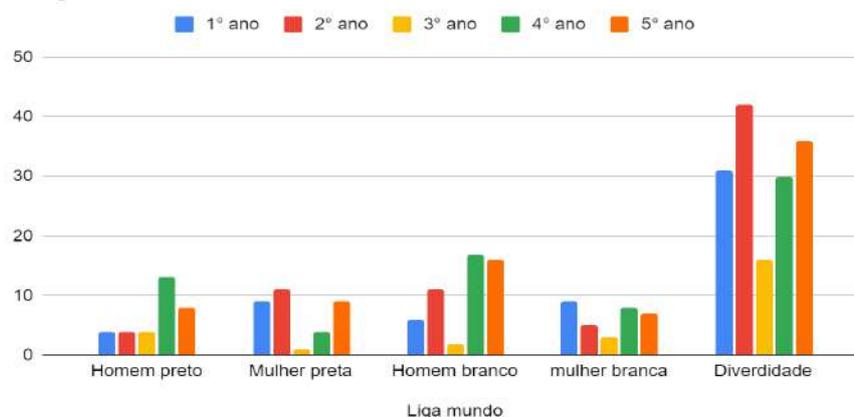


Gráfico 8 - Imagens de mulheres negras
Fonte: Liga Mundo História

Tendo isso em vista, em ambas as coleções didáticas investigadas, as mulheres negras não apenas possuem um número de imagens inferior em comparação aos homens e às mulheres brancas, mas também aparecem, frequentemente, cercadas de personagens brancos, como sujeitos quase inexistentes. Isso reforça a ideia de uma pirâmide social relatada por Joice Berth (2019), na qual a mulher negra constantemente precisa se reinventar para ser representada. Seguem imagens que exemplificam essa situação.



Figura 3 - Diversidade
Fonte: Apis História 1º ano (p.46)



Figura 4 - Lutas sociais

Fonte: Liga Mundo História 5º ano (p. 101)

De acordo com Choppin (2004), a imagem da sociedade apresentada pelos livros didáticos corresponde a uma reconstrução que obedece a motivações diversas, segundo a época e o local. Portanto, os autores de livros didáticos não são simples espectadores de seu tempo, eles reivindicam o status de agentes e reconhecem o papel do livro didático na sociedade. A necessidade de quebrar paradigmas que posicionam as mulheres negras como plano secundário em movimentos históricos revelam a importância da representatividade dessas mulheres nos livros didáticos, como sujeito que traz reflexões críticas às ciências humanas.

A abordagem decolonial no livro didático é um dos métodos que desenvolve o senso crítico dos estudantes no ambiente preparado, ou seja, a escola. Conforme diz Nascimento (2019, p. 6), “[...] a escola é uma instituição social que deve estar preparada para atender toda a população que a ela recorre. Por isso, ela contribui com o desenvolvimento das nações [...]”. Posteriormente o autor também afirma que “[...] os professores precisam estar cientes da importância deles na formação pessoal e social do seu aluno e que o conhecimento sobre os diversos segmentos que compõem essa nação [...]” (2019, pág. 6). Portanto, a escola e o professor são agentes que devem atribuir perspectivas decoloniais com o propósito de desenvolvimento social e humano.

Ao analisar as referências bibliográficas e a representatividade da mulher negra no meio acadêmico, também é possível verificar sua escassez de aparições em ambas as coleções, mas não comparada ao homem negro. Isso se deve à percepção que as mulheres são consideradas mais adequadas à educação dentro do contexto eurocêntrico, em comparação aos homens negros.

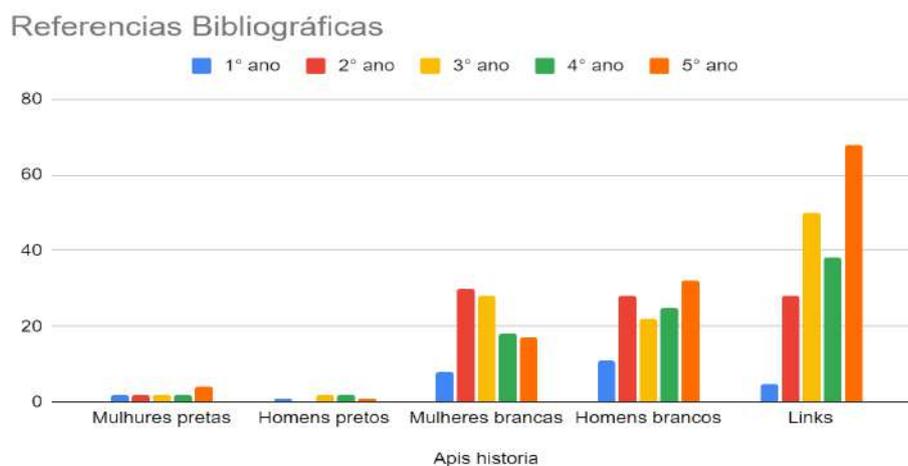


Gráfico 9 - Referências bibliográficas mulheres negras
Fonte: Ápis História

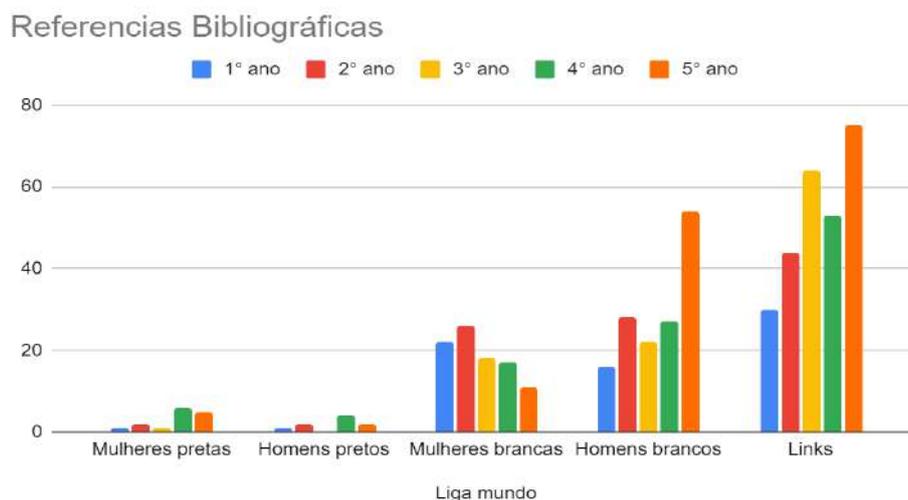


Gráfico 10 - Referências bibliográficas mulheres negras
Fonte: Liga Mundo História

Esses feitos que posicionam as mulheres, em especial negras, em uma posição de sub-representação demonstram claramente como a perspectiva eurocêntrica presente na cultura afeta diretamente a política educacional. Com isso, Pitkin (2006) relata que a representação torna possível uma grande república democrática, pois traz conflitos sociais perigosos que centralizam a unidade social e o controle, tornando capaz o equilíbrio.

Voltando para a necessidade do ambiente escolar possuir livros que representem a mulher negra, Moura (2017) destaca que a escola é um dos espaços de reflexão e criticidade, que pode fazer com que as pessoas que são excluídas sejam incluídas e aquelas que não vivenciam o preconceito e a discriminação saiam de sua condição privilegiada, mergulhando nesse universo desconhecido, ou seja, sintam como é a experiência de ser subjugado e excluído. Portanto, a educação deve ser pensada fazendo parte de um movimento descolonizador, que transforma a escola em um lugar o qual a minoria possa ter voz e ser representada através da literatura, inspirando-se em pessoas possíveis.

Cabe trazer à memória que a relevância desta pesquisa reside na importância da representatividade feminina, e da mulher negra especificamente, nos livros didáticos de História dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Liga Mundo História e Ápis História. Isso, levando em consideração que a representatividade nessas obras tem influência direta na formação e identificação dos estudantes. Portanto, conforme Chartier (1991) afirma, construir a noção de representação como instrumento essencial da análise cultural é investir em uma pertinência operatória, um dos conceitos centrais utilizados nas sociedades.

Os livros didáticos, ao longo do tempo, passaram por diversas mudanças que contribuíram para o bem-estar social. Desse modo, Bittencourt (2011, p. 506) menciona que, “A mobilização e atuação dos movimentos sociais têm proporcionado conquistas, como a resolução que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais para o ensino de história e cultura afro-brasileira [...]”. Portanto, as transformações na educação, com foco na formação crítica dos estudantes, contam com o apoio direto dos movimentos sociais, para trazer a esperança de um futuro em que os livros didáticos de história adotem a perspectiva decolonial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores desempenham deveres fundamentais no início da formação pessoal e social dos indivíduos. Isso se deve ao fato de possuírem um vasto conhecimento em diversos segmentos, o que contribui para a construção cidadã. No entanto, foi notado que o Manual do Professor, das duas obras investigadas, ao apresentar uma quantidade significativa de autores homens em suas seções, de acordo com cada volume, acaba adotando uma abordagem que negligencia as mulheres na historiografia brasileira, assim fixando a predominância masculina no ensino e aprendizado dos estudantes, de forma indiferente, durante o planejamento do professor. Nesse sentido, o Manual deveria incluir uma série de estudos sobre o papel da mulher na sociedade, concomitante a imersão das mulheres no mercado de trabalho e o surgimento do movimento feminista.

As pressões e demandas do movimento feminista na década de 70, juntamente com a entrada maciça de mulheres no mercado de trabalho e na vida acadêmica, forçaram a quebra do silêncio das historiadoras. Essas conquistas deveriam ser relatadas nos livros de história, para fortalecer movimentos e enfatizar a importância da permanência deles nas futuras gerações. No entanto, não é isso que é notado, tendo em vista que cerca de 60% de ambas as coleções analisadas são compostas por ilustrações masculinas.

A importância de verificar as coleções aprovadas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), vem da necessidade de verificar se as minorias estão sendo representadas no ambiente escolar. Nesse caso, os resultados apontam que a mulher negra, quando comparada às outras mulheres, compõem 40% das imagens de todos os volumes das duas coleções e 20% das bibliografias presentes em todos os volumes do manual do professor, também das duas coleções. Portanto, isso demonstra que ainda há um vasto abismo ao comparar a representação das demais mulheres à mulher negra, tanto nas imagens quanto nas bibliografias.

A precisão de melhorar a imagem da mulher, em especial da mulher negra, é real, tanto de forma qualitativa quanto de forma quantitativa. Ainda que tenha alguma representatividade nos livros e reflexões sociais quanto ao papel do gênero em alguns textos e atividades, geralmente elas enfatizam as mulheres brancas, deixando a mulher negra sub-

representada. Assim, ao comparar a aparição da mulher branca à mulher negra, percebe-se que esta última tem um destaque ainda menor pois comparada ao homem ela, a mulher negra, tem um destaque menor ainda quando comparada aos homens. Mas, através de trabalhos como este, que denunciam suas ausências e sub-representatividades, aos poucos haverá mudanças ainda mais significativas nos livros didáticos de história aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático.

Referências

- ALVES, Alexandre. OLIVEIRA, Leticia. **Liga Mundo História**. Editora Saraiva. 1º edição, 2017.
- BERTH, Joice. **Feminismos plurais: empoderamento**. Pólen. São Paulo, 2019.
- BITTENCOURT, C. M. F. Produção didática de história: trajetória de pesquisas, **Revista de História**, São Paulo, n.164, p. 487-516, jan./jun. 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018.
- CHARLIER, Anna. SIMIELLI, Maria. **Ápis História**. Editora Ática. 2º edição. 2017.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Revista das revistas. Estudos avançados. 1991.
- CHOPPIN, Alan. **A história dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte**. Educação e pesquisa. São Paulo, v3, n3. 2004
- MOURA, S. L., PRETO, F.F., SILVA, G.F. **Perspectiva Decolonial em Educação: Investigando subsídios e práticas pedagógicas para a educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena**. IV SIPASE, setembro de 2017.
- NASCIMENTO, M. A. do; SOUSA, F. M. do. **A abordagem pedagógica da cultura afro-brasileira na lei 10.639/2003**. Conedu, VI congresso nacional da educação. 2019.
- OLIVEIRA, J. C. de; BERTONI, L. M. Memória coletiva e teoria das representações sociais: confluências teórico conceituais. **Revista Interinstitucional de Psicologia**. 2019
- PIMENTA, Rafaela. A educação como permanência e possibilidade de superação do eterno feminismo. **Anãsi: Revista de filosofia**. V2. N1. Salvador, 2021.

PITKIN, Hanna Fenichel. **Representação**: Palavra, instituições e ideias. Lua nova. São Paulo, 2006.

SILVA, Isaíde Bandeira da. **O Livro Didático de História no Cotidiano Escolar**. Curitiba: Appris, 2014.

Recebido em: 20 de outubro de 2023.

Aceito em: 3 de novembro de 2023.

Publicado online em: 17 de novembro de 2023.